



Movimento político pela unidade

Movimento dos focolares

MARIA E O CAMINHO DO POLÍTICO

Chiara Lubich relata: *«Em 1959, toda a comunidade do Movimento passou as férias na cidade alpina de Fiera di Primiero, num total de doze mil pessoas, de 27 países. Num ato solene, representantes de todos os países presentes consagraram seus povos a Maria, e alguns parlamentares presentes, o próprio empenho político. Por que esta predileção por Maria? Porque a consideramos Rainha dos Povos e Condutora do nosso Movimento? Maria é aquela que canta: “Grandes coisas fez em mim o Onipotente” (Lc 1,49). Nela Deus deposita o Seu desígnio para a humanidade, revela a Sua misericórdia, destrói os falsos projetos dos soberbos, abate os poderosos de seus tronos e eleva os humildes, restabelece a justiça, distribui as riquezas. Quem, portanto, é mais político do que Maria?».*

Os Evangelhos falam pouco de Maria, não mais de uma página e essa brevidade traz um ensinamento político. As etapas da vida de Maria oferecem luz para explicar os diversos momentos da vida de um político.

Seu ingresso na história humana, na Anunciação, é totalmente insólito, não simplesmente um fato particular, mas público e universal, pois ela representa Israel, que significa toda a humanidade. Quem se engajou na política sabe muito bem qual foi o momento da “anunciação”, o primeiro passo decisivo, o momento do chamado, quando a pessoa tornou-se sensível à existência de um problema, de uma necessidade humana, de uma carência social e decidiu dedicar-se a isso, dar a vida pela própria gente. O “sim” do político provoca uma “inversão” da situação. A injustiça, os direitos violados, o conflito, constituem um chamado e suscitam nele o desejo de justiça, de dignidade humana, de paz. A partir daquele momento, a vida daquela pessoa passa a ter o objetivo de construir na história o que já é realidade dentro dela.

O *Magnificat*, um programa político

O *Magnificat* é o programa político de Maria, o plano de Deus para história. E como todo programa sério, o *Magnificat* indica o sujeito que o realiza, a própria humanidade no seu conjunto, homens e mulheres de todas as raças, religiões e



culturas. Maria é a síntese dessa humanidade e a representa, na sua história de dor e de promessas, indicando o novo horizonte para o qual é projetada e mostrando-o já realizado no presente. Ela, em certo sentido, “inventa” o presente, o momento no qual cada coisa acontece. Maria, de fato, é a disponibilidade total, a guardiã do instante, aquela que introduz e funda na história a importância da decisão humana no presente.

No *Magnificat* encontramos um conteúdo, uma nova ordem da história e das coisas que, embora já realizadas em Maria, são confiadas à nossa iniciativa. Maria não se perde em detalhes, não dá importância às pequenas contingências, nem se preocupa com as dificuldades, distinguindo claramente o projeto de Deus de todo o resto. Da mesma forma o político deve assumir sua responsabilidade e missão.

O político da unidade não se deixa sufocar pelas rixas, pelos males que não faltam, mas vive em função do bem comum que lhe foi confiado e, graças à unidade com outros que compartilham seu ideal, sabe distinguir sempre esse bem comum em meio à confusão e ofuscamento com que muitas vezes depara nas atividades cotidianas.

O político deve chegar a ser tão grande quanto o ideal que abraçou. Maria representa a certeza de que isso é possível, o amor de Deus a fez maior que o próprio Deus, ela é “mãe de Deus” e representa o destino de cada um de nós e da humanidade. Não existe projeto político tão grande que não possa ser realizado, tudo o que inúmeros pensadores reivindicaram em favor da grandeza do ser humano e de seus deveres, colocando-se por vezes até contra Deus, está presente em Maria.

No *Magnificat* existe, também, um método. Maria é, antecipadamente, aquilo que quer realizar. Ela diz: “Grandes coisas *fez em mim* o Onipotente” (Lc 1,49). O político deve “ser já”, não pode protelar a própria transformação interior para quando o objetivo for alcançado e a sociedade transformada; não pode fazer o mal, mentir ou usar a violência justificando-se com as situações de conflito e calculando que, uma vez vencida a batalha e obtido o sucesso, tudo se transformará. Esta é a tentação dos revolucionários ou daqueles que tomam decisões extremas na política, esquecendo-se de que uma revolução vitoriosa não pode criar aquilo que antes não existe ao menos



como semente. Maria ajuda a superar a tentação da violência e deixa claro que é preciso vencer antes uma “grande guerra”, a batalha contra nós mesmos. Por isso os políticos da unidade procuram ajudar-se a “serem novos” antes de agir, a purificar intenções e ideias, recolocando-se, sempre, na atitude de serviço, de amor.

No *Magnificat* Maria se exprime com palavras tiradas da Escritura e sua linguagem torna-se universal. Isto tem um profundo significado, pois na política a intuição de uma pessoa torna-se patrimônio comum, projeto compartilhado que a certo ponto passa a viver independentemente de quem o criou. Maria mostra ao político que seu projeto, sua ideia, a intuição inovadora, ele a possui para que se realize, mas a realização política não é algo particular ou pessoal, nem mesmo uma empresa da qual se espera os lucros. A política é como um filho que, uma vez crescido, segue seu próprio caminho. Isto significa que é preciso saber perder o que se fez e, exatamente por tê-lo realizado, aquilo não é mais seu, suas palavras transformaram-se em palavras da comunidade. Portanto, o que o político faz, se o faz bem, não ficará para ele e deve estar consciente disso desde o início.

É o paradoxo da vida política, como na maternidade e paternidade, que Maria coloca em evidência. A medida do sucesso e da própria realização é o bem que os outros *recebem* e o que os outros *se tornam* graças ao seu projeto. Se o político não vive nesta ótica, o inevitável momento em que ele perde o poder, o foco dos refletores, torna-se intolerável. Isto explica o drama de um político que se apegava a uma fase de sua vida já ultrapassada quando, depois de ter escrito a sua página de história quer continuar a assinar outras páginas, que não são suas, esquecendo-se de que aquelas palavras que encontrou dentro de si mesmo lhes foram dadas, juntamente com sua vocação, para serem doadas. E seus destinatários são: sua cidade, seu povo, a humanidade. Portanto, não são mais suas. O político que sabe doar-se fala como Maria, com Palavras de Deus, que permanecem, e ele será o orgulho do seu povo.

A vida com o filho – o pensamento político

O nascimento de Jesus abre para Maria a época da realização e dos frutos. Também esta fase é bem conhecida pelos políticos quando começam a ver os



resultados do próprio esforço. Dois episódios da vida de Maria são ricos de ensinamentos a este respeito. Na apresentação do pequeno Jesus ao templo o sábio Simeão diz palavras que suscitam admiração: “Ele veio para destruição e ressurreição de muitos em Israel... E também a você uma espada transpassará sua alma” (Lc 2,34-35). Mais tarde, é o próprio Jesus que, permanecendo no templo sem avisar os pais, parece distanciá-los de si reivindicando obediência a um Pai que não é José.

Maria, diz o evangelista, conservava “todas estas coisas em seu coração”. O verbo grego usado por Lucas significa “juntar”. Maria estava diante de vários sinais a respeito de Jesus, obscuros à sua compreensão, difíceis de interpretar. E ela procurava “juntar” as coisas que não pareciam compatíveis.

“Juntar as coisas” foi o que Maria fez e é, exatamente, o que é pedido ao político ao deparar necessidades e interesses que conflitam entre si, quando ele deve encontrar o caminho da unidade, o modo de recompô-los num projeto maior. Maria não descartou os sinais que não entendia. Do mesmo modo, os políticos devem saber estar, às vezes por longo tempo, numa situação de incerteza, com as feridas abertas, tentando “juntar”, talvez resistindo a pressões que pedem posições definidas, que eles não podem assumir, porque o respeito pelo problema não lhes permite. É difícil explicar coisas complexas, seria mais fácil e mais gratificante fazer declarações decididas, que provocam a multidão ou satisfazem uma parte, em vez de estimular a reflexão e dar crédito também à parte do adversário.

No entanto este é o verdadeiro pensamento político, o pensamento da unidade, o pensamento de Maria. Platão comparou a obra do político com a de um tecelão que desata os nós e combina os fios de acordo com a própria natureza e cores compondo, um pouco por vez, um desenho que se mostrará maravilhoso quando a opinião pública souber apreciar. Como no exemplo de Chiara: um tapete maravilhoso que no avesso oculta a confusão dos fios e dos nós. É o trabalho do político que deve pensar não só no cargo que exerce como também no lugar que o outro ocupa no desenho.

Maria em Caná - a subsidiariedade

O fato de “juntar, de colocar juntos”, de “pensar em unidade” se traduz em



ações concretas, como nas bodas de Caná (Gv 2,1-12). Nesta festa Maria não substitui Jesus, é Ele que opera o milagre da transformação da água em vinho. Maria vê a necessidade e toma a iniciativa, criando as condições para que Jesus opere o milagre. É assim também a ação política, não substitui os outros, mas trabalha e ama criando condições para que cada um possa exprimir a própria vocação e a própria genialidade. A política é o *amor* que oferece a todos os outros amores as condições para florescer. Nisto consiste o princípio da subsidiariedade.

Maria mostra que existe uma maternidade na política, que gera e coloca em evidência. Maria não impõe, eleva degrau por degrau, não dá ordens, constrói a ordem, colocando cada coisa no seu devido lugar, num projeto unitário.

Maria coloca em relevo o que há de melhor em cada um, “convoca” as vocações sociais, suscita amor porque ama. Da mesma forma, a política suscita compromisso e amor, se é amor.

A política deve transmitir, como Maria, um sentido de clareza e transparência, pois possui os meios e regras claras para resolver os problemas e conflitos gerados na sociedade. O conflito desordenado é improdutivo, o confronto regulado, pelo contrário, permite o crescimento. A política deve gerar continuamente a vida, as condições para o desenvolvimento de cada cidadão e de toda a comunidade.

A realização do político

Maria experimenta a desolação quando, impotente aos pés da cruz de Jesus o acolhe morto, novamente, em seu seio. O político conhece verdadeiramente Maria e vive a sua desolação quando outros destroem o fruto de seu trabalho árduo e ele fica sozinho, com a marca “dolorosamente viva” dentro de si daquilo que construiu, enquanto a seu redor vê apenas escombros e os horizontes parecem fechar-se.

Com Maria aprende a força e a fidelidade. Quando tudo parece perdido, ela fica em pé em meio ao desastre e ainda espera, ainda crê, não abandona seu lugar. Recolhe os amigos do filho e preside a assembleia deles. Ela podia fazer isso, pois possuía em si mesma a “forma” do filho, por tê-lo trazido no seio. Ela, depositária de seu desígnio, podia guiar.



Movimento político pela unidade

Movimento dos focolares

Do mesmo modo o político. Quando o bem comum parece falido, distante, quando todos os outros parecem perder a esperança de realizá-lo, o político da unidade não abandona seu posto. O verdadeiro político tem, de fato, como Maria, uma “forma” dentro de si, a forma de uma ideia, de um desenho, aquele particular aspecto da humanidade que exerceu atração sobre ele e mostrou-se como sua missão. Esta missão, este desenho é seu, e não pode ser cancelado de seu íntimo por nenhuma circunstância e derrota, porque faz parte de sua natureza; somente ele pode decidir renunciar. Seria uma tentação, um erro, se desse mais importância àquilo que está “fora” do que àquilo que está “dentro”. Maria ensina a resistir, a permanecer fiel, a acreditar no amor.

A verdadeira ação política não abandona, mas acompanha sempre aqueles que sofrem. O político da unidade sabe permanecer onde existe a dor e, como Maria, que se revela totalmente humana nas condições mais difíceis, não projeta a vingança, não cede ao ódio, mas reconstrói. O político que vive deste modo a sua desolação torna-se centro de esperança, reúne os seus, atrai os melhores e estes reconhecem nele aquele que conservou o desígnio da política.

Assim Chiara nos mostrou Maria. Seguindo-a, muitos renunciaram a opções políticas destrutivas e ela indicou um caminho que leva a construir, a "conjuguar". Esse perfil de Maria se descobre, principalmente, em tempos difíceis, como estes que estamos vivendo, porque a desolação não acontece somente em nível pessoal, mas pode apresentar-se na história de um povo e de toda a humanidade.

É esta Maria que o Movimento Político pela Unidade propõe como modelo a todos aqueles que desejam construir a unidade da família humana.

A missão do Movimento Político pela Unidade é, justamente, contribuir para realizar na história aquilo que Maria anuncia já realizado nela.

organizado por Antonio Maria Baggio

Docente de Filosofia Política no Instituto Universitário Sophia